

A vida na era da perplexidade

Sérgio de Gouvêa Franco

Conferência inicialmente proferida – e apresentada aqui com ligeiras modificações – em *live* intitulada *Christopher Bollas: por um pensamento contracolonial e democrático*, patrocinada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em 24 de junho de 2022, com Lia Pitliuk e Sérgio de Gouvêa Franco.

Resumo Reflexão que visa localizar a perplexidade contemporânea, à luz da condição histórica atual, em que se acentuam a experiência do vazio, da fragmentação e da incapacidade de conviver com o outro. O texto tem dois momentos. Começa com o ambiente cultural contemporâneo e sua conexão ao funcionamento mental. Depois toca o tema da democracia e da ameaça à democracia, não pelo enfoque sociológico, mas da psicanálise.

Palavras-chave perplexidade; contemporaneidade; democracia e psicanálise.

Sérgio de Gouvêa Franco é psicanalista, com formação no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; membro deste Departamento. Fez doutorado na Unicamp e pós-doutorado em psicologia clínica na PUC-SP. É o atual presidente da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Professor de psicanálise. Autor de livros, capítulo de livros e artigos científicos no campo da psicanálise, destaque para o livro *Mandrágoras, clínica psicanalítica: Freud e Winnicott*, em parceria com Manoel Berlinck e Karin Wondracek.

Introdução

A invasão da Ucrânia pelos russos, iniciada em 24 de fevereiro de 2022, pode ter provocado intenso sentimento de estranhamento em muitos de nós. Como pode ser que isso esteja acontecendo? Na verdade, não se trata apenas da invasão da Ucrânia, há uma família de acontecimentos que nos deixa em uma verdadeira *perplexidade* na contemporaneidade.

O uso do termo *perplexidade* em minha fala está inspirado em livro de Christopher Bollas, publicado em 2018, intitulado *Meaning and melancholia, life in the age of bewilderment*, ainda sem tradução para o português. Uma tradução possível para este título instigante seria *Sentido e melancolia, a vida na era da perplexidade*. Não apenas o uso da palavra *perplexidade* está inspirado nesse livro de Bollas: todo o arcabouço e conteúdo do texto vem dele. Mesmo quando falo em Joyce MacDougall ou Bion, estou falando como o psicanalista radicado em Londres se apropria da obra desses autores. A originalidade é quase toda de Bollas. Claro, sou eu que me aproprio dos escritos dele.

Não tocamos apenas o tema da perplexidade. Queremos ver se conseguimos entender um pouco a condição histórica atual, em que se acentuam a experiência do vazio, da fragmentação e da incapacidade de conviver com o outro. Queremos tangenciar temas relativos à psicopatologia que se expressam nas relações sociais contemporâneas. Estrutturamos nossa fala assim: começamos com o ambiente cultural contemporâneo e sua conexão com o funcionamento



ao final do século xx,
milhões parecem estar em
uma transformação,
nem sempre reconhecida, nem
sempre consciente, rumo
a um estado de melancolia.

mental. Depois passamos do tema da perplexidade à questão da democracia e à questão aterradora da ameaça da democracia. Sempre estamos falando como psicanalista, ainda que possamos estar olhando para o cenário mais amplo. Não temos a pretensão de um enfoque sociológico sobre o tema do fascismo ou neofascismo, por exemplo.

Claro que o *inquietante* faz parte da experiência humana, desde sempre. Freud escreve sobre isso em texto de 1919 intitulado, em alemão, de *Unheimliche*, que poderia ser traduzido para o português por *aquilo que não é familiar*. O mal-estar está na civilização, faz parte da própria condição humana. A referência é o texto *O mal-estar na civilização*, escrito em 1929 e publicado em 1930. As condições e expressões do mal-estar, precisamos dizer, são históricas. Queremos exatamente examinar as condições recentes que dão contorno ao mal-estar. A eleição de Trump para presidente dos EUA em 2016 nos coloca em alerta, como sinal importante de que certos valores estão sendo colocados em xeque na chamada civilização ocidental, inclusive a democracia. Na era da perplexidade contemporânea, a inquieta condição humana tem cara de desorientação e melancolia. Se fazemos alguma referência à cena política norte-americana, a referência pretende ajudar a pensar o que acontece entre nós. O bolsonarismo brasileiro, em grande medida, é uma repetição do trumpismo norte-americano.

Perspectiva histórica

Talvez seja possível dizer que o século XIX se encerra com inspiração e energia, em ambiente apoiado em avanços tecnológicos e industriais importantes que mudaram o cenário no mundo ocidental e transformaram profundamente as funções sociais. Mas ao término da Primeira Guerra Mundial, o otimismo que se apoiava nas revoluções do século XIX começa a se esfalar. Escritores e artistas passam a descrever o esfacelamento de certos ideais humanos e o desmoronamento de uma visão romântica do que poderíamos chamar de um *self* heroico. A Segunda Guerra Mundial aprofunda a crise e é cada vez mais difícil dar sentido às perdas: o uso da bomba nuclear teve efeitos devastadores. O movimento existencialista exatamente pretende capturar a radical perplexidade diante da vida. Vale a pena?

Ao final do século XX, milhões parecem estar em uma transformação, nem sempre reconhecida, nem sempre consciente, rumo a um estado de melancolia. O luto mal resolvido pode estar conduzindo ao desespero, à desorientação e à revolta. Chegamos ao nosso século XXI com uma demanda, no ar, por uma solução para essa desorientação geral. Do *self* humanista só restam vestígios. A intensa aceleração tecnológica constitui novas maneiras de pensar, ser e se relacionar.

Um dos possíveis efeitos para essa perda de sentido é o senso de que a vida fica okay desde que não se faça perguntas demais. O consumo e a ostentação de riqueza e poder são, para muita gente, o único sentido possível. No campo religioso observa-se o avanço do fundamentalismo, com um retorno a um Deus medieval e raivoso. Formas mais amadurecidas de espiritualidade ficam afastadas, substituídas por uma fé cega coligada a um descrédito ao pensamento crítico e científico.

Um elemento que merece consideração e destaque é que estamos grandemente guiados pelas chamadas forças de mercado. Poderosas forças financeiras controlam muita coisa: há uma dúvida acerca da possibilidade de alguma mediação sobre a própria existência. Um senso de impotência

pode estar fortemente presente, colado a sentimentos intensos de perda, sem reparação. Ficam criadas as condições para um funcionamento psíquico e social de forte negação e mesmo de engajamento em processos de vingança. O uso intenso de ansiolíticos e antidepressivos pode ser visto não apenas como uma questão pessoal, mas como um indicativo sobre o que está acontecendo em nossa sociedade. Estamos testemunhando uma verdadeira epidemia de sofrimento mental e uma catastrófica incapacidade de lidar com a crise.

Se tomarmos a eleição de Trump nos EUA em 2016 como um marco – um marco apenas didático e um tanto arbitrário, veremos depois desta eleição um aprofundamento da ansiedade, depressão e desorientação, não apenas nos EUA, mas em toda a dita civilização ocidental. A reflexão sobre essa condição psicológica não se propõe como um substituto da reflexão geopolítica, dos estudos econômicos e dos estudos propriamente políticos. A negação da compreensão psicodinâmica, no entanto, pode ser uma perda de um recurso importante que nos ajuda a compreender o que está acontecendo. Se quisermos ser ousados, os estudos dos fundamentos psicodinâmicos do social podem sustentar alguma esperança de elaboração e saída desse sofrimento que vivemos em tempos tão sombrios.

Profissionais da área da saúde mental têm sido compreensivamente hesitantes em oferecer juízos clínicos sobre figuras políticas proeminentes. Talvez haja circunstâncias, no entanto, em que esse princípio deva ser relativizado, pois não se trata tanto de fazer um diagnóstico acerca de indivíduos e, sim, uma análise dos processos sociais em curso. Embora não se deva chamar um político específico de paranoico, talvez seja correto falar em um processo paranoico em curso em nossa civilização. Poderíamos dizer que posições extremadas na política contemporânea podem estar baseadas em um estado mental ativamente perturbado.

Quanto Trump anunciou que os mexicanos e centro-americanos, amontoados nas fronteiras norte-americanas, eram criminosos e predadores

»»

*talvez não seja uma
coincidência que, desde
meados do século passado,
se passou a falar tanto de
personalidades limítrofes.*

sexuais, ele teria projetado suas próprias perturbações sexuais e criminosas nos latino-americanos. Quando ele se propôs a construir um muro, ele projetou um muro psicológico na arena política. O muro psicológico é muito anterior a qualquer muro de concreto ou aço; há muito ele já tinha construído, dentro de si, um muro psíquico que o protegia de perceber suas responsabilidades em suas transgressões. As derivações para a política brasileira ficam aí para serem feitas e para serem explicitadas.

Selvas fraturados

A devastação das duas Guerras trouxe à tona sentimentos complexos – muitas pessoas, levando em conta a devastação de seus países e de suas próprias vidas, podem ter passado a um sentimento de revolta frente às idealizações perdidas. Uma das consequências que queremos assinalar é que pode ser que esse ambiente tenha contribuído para acentuada cisão da personalidade. Talvez não seja uma coincidência que, desde meados do século passado, se passou a falar tanto de personalidades limítrofes. Ainda que se possa criticar um excesso deste diagnóstico, a cisão parece real, não apenas no campo pessoal, mas também social. O diagnóstico de personalidade limítrofe dá mostras dessa cisão, que pode ser pensada como um efeito dos grandes desenvolvimentos sociais das últimas décadas do século xx e início do século XXI.



*estamos dizendo
que em um ambiente
que carece de sentido e se
melancoliza, há uma reação
anormalmente normal.*

Para o indivíduo, a divisão consolidada não funciona bem; o sujeito está em constante conflito; os movimentos tornam-se ambíguos em relação aos objetos. Na escala de uma nação, podemos pensar como os EUA têm mantido uma política externa e posições culturais arrogantes que têm sido muito ofensivas para muitos povos. A experiência de 11 de setembro foi de genuína perplexidade para norte-americanos: “por que tanta gente nos odeia?” Parece que não podem compreender a correlação da história do imperialismo americano no pós-guerra e o resultante antiamericanismo em boa parte do planeta.

Quando nós nos voltamos à situação brasileira, podemos perguntar: será que sabemos dizer o que acontece entre nós? Compreendemos a escravidão, os abusos dos povos originários, os abusos contra a mulher? Entendemos os efeitos do regime de 64? Ou perdemos o contato com a realidade de modo intenso e estamos marcados por um viver dissociado?

Ainda que a vida continue nas Universidades, nas redações dos jornais e nas muitas ONGS espalhadas pelo planeta, há um perceptivo declínio do interesse em temas humanísticos e nas artes. O que se observa é um declínio do mundo interior. A medicação psiquiátrica pode estar ajudando muitos a se afastarem dos temas mais sensíveis e se voltarem a uma vida totalmente prática. A subjetividade para onde vai: o humano ficou pós-humano, o humano ficou não humano?

Joyce McDougall falou em pacientes *normopáticos* há décadas. O termo, e outros

equivalentes, dão conta de reconhecer as multidões que se escondem do mundo interior em uma vida de conforto material e recreação; nesse contexto, a globalização acentua o processo. Winnicott já tinha mostrado que além das personalidades que se retiram, que se tornam esquizoides, há um crescente número que se lança e se ancora na realidade objetivamente percebida. Há uma fuga da realidade, como destacou Freud, mas há também, de modo intenso nas últimas décadas, uma fuga para a realidade, com sensível perda do contato com o mundo subjetivo. Os *normopatas* têm uma vida anormalmente normal. Há uma inclinação, no mundo contemporâneo, para se tornar também um objeto em mundo objetivo, em mundo das máquinas e da tecnologia.

Estamos dizendo que em um ambiente que carece de sentido e se melancoliza, há uma reação anormalmente normal. Os eventos trágicos ficam esquecidos, negados; toda vulnerabilidade parece estar afastada: do supermercado ao pet shop, ninguém suporta sofrer, as redes sociais atestam isto. Há entusiasmo, que pode ser chamado de mecânico, que emerge no mundo dos aplicativos e no ambiente da chamada classe média. Podemos dizer que esse mundo do *normopata* é um mundo com perda de habilidades humanas essenciais. Dizemos que há um empobrecimento do ego, acompanhado de uma menor ou maior experiência de depressão, específica ou difusa. Alguns se viram para o álcool, para o uso de medicação psiquiátrica, para os excessos vários, como a pandemia da COVID-19 atesta e amplifica.

Personalidades limítrofes, dissociadas e *normopáticas* compõem um quadro de uma sociedade com perda radical da vida interior: prevalece a dificuldade de se perceber o valor e o sentido do esforço cotidiano. Personalidades voltadas para a objetividade se tornam indiferentes ao sofrimento humano ao seu redor. Há uma deterioração importante das funções mentais e da capacidade empática: o mundo subjetivo ficou mais pobre. Infelizmente temos sido devastadoramente governados, até recentemente,

por pessoas assim no Brasil; a triste experiência segue em várias partes do planeta.

A mente democrática

Queremos tocar a questão da democracia, não apenas como um sistema de governo, mas também como um modo de funcionamento mental...

Podemos buscar as origens da democracia na Atenas antiga, do século V antes de Cristo. Todo cidadão podia votar na era de Solon, havia a possibilidade de expressar seu ponto de vista em uma assembleia. A democracia ali construída sustenta a sabedoria de incluir vários pontos de vistas divergentes no processo de governo. Claro que a democracia ateniense excluía as mulheres e os escravos, perdendo, portanto, a vitalidade das diferenças de gênero e raça, um preconceito que se estabeleceu em boa parte das democracias ocidentais até hoje. Estrangeiros também eram excluídos; o preconceito contra os estrangeiros, a xenofobia, também segue entre nós. Nem de longe queremos idealizar a democracia ateniense, nem as chamadas democracias ocidentais, que podem ter se tornado sistemas de governo em que há pouco ou nenhum espaço para muitos, se distanciando de uma verdadeira democracia social e popular. Tocamos o tema da democracia como uma realidade ainda por ser conquistada em quase toda parte do planeta.

A democracia é muito exigente, ela demanda tempo: na guerra, a democracia é diminuída ou substituída. Sabemos que o processo democrático pode nos levar a pântanos de indecisão – a alternativa, no entanto, é muito pior. O direito de cada um falar na democracia permitiu um embate de posições contrárias: depois da fala de um, sempre surge a fala de um outro que contesta. Dizemos que há um paralelo na experiência do livre falar da sessão de psicanálise, na livre associação, os pensamentos que atravessam a mente são diversos e contraditórios, como na Ágora ateniense: os pensamentos mais hediondos podem aparecer, o processo é sustentado por certa neutralidade

»»

Bion é um autor que de certa forma representa o século xx. Ele testemunhou a violência da Primeira e da Segunda Guerras e viu nelas o poder capaz de destruir a democracia.

do analista. O analista não tenta barrar nenhum pensamento: no campo da fala, tudo pode ser expresso. Mesmo ideias com pouca força dentro do aparelho psíquico podem ser expressas e não devem ser silenciadas. Diríamos que nesse sentido a sessão analítica é uma experiência de uma democracia psíquica. O mundo interno aparece em sua complexidade, com ideias embaraçosas, chocantes e surpreendentes. O complexo mundo interno que todos temos em comum, e que tão rigorosamente escondemos, aparece: na sessão de análise e na experiência democrática há o convite para que a fala seja feita sem censura. A passagem ao ato, entretanto, fica condenada no consultório e na cena política. Hoje se pergunta se certas expressões verbais não deveriam ser coibidas por se tornarem elas mesmas expressões insuportáveis de violência. Precisamos lidar seriamente com a questão da violência.

Bion é um autor que de certa forma representa o século xx. Ele testemunhou a violência da Primeira e da Segunda Guerras e viu nelas o poder capaz de destruir a democracia. Sua vivência primeiramente como soldado e depois como psiquiatra e psicanalista, e especialmente sua experiência com grupos, mudaram o cenário psicanalítico. Ele descobriu a força de ser confrontado por opiniões contrárias, dentro dos grupos. Descobriu que, caso o psicanalista abandone o grupo aos seus próprios processos, caso o analista deixe sua função de condutor, o grupo lentamente decai em processos primitivos, podendo atingir mecanismos muito perturbadores, muito violentos.



*o trabalho do coordenador
reduz a violência
pelo pensamento inclusivo,
e todos passam a viver
como se o problema
em questão fosse de todos.*

Podemos dizer que, em situação de confronto, a mente pode rapidamente decair em funcionamentos psicóticos e se voltar a ansiedades muito primitivas.

Se quisermos pensar a democracia como um modo de funcionamento da mente, Bion dá uma contribuição importante. O seu trabalho com grupos pode ser pensado como uma exploração da mente humana como representante dos processos democráticos, ainda que ele não tenha explicitamente tematizado a questão. A noção de que o grupo pode e deve se autorregular é importante, abrindo espaço para uma nova experiência potencial. Parece que a vida democrática exige uma certa disposição mental – nos grupos de Bion, por exemplo, procura-se um estado em que todos são iguais. De modo que o que se busca em um grupo psicanalítico é uma das pré-condições da democracia. Sabemos que mesmo quando o paciente se entrega à livre associação, forças poderosas impedem que isso se realize completamente. Se o paciente continua falando, movendo-se de um elemento de discurso a outro, invariavelmente padrões do funcionamento do inconsciente vêm à tona. O curioso é que na mesma sessão, ou em uma próxima, os movimentos da livre associação podem trazer à tona elementos bem diferentes. Na livre associação precisamos suportar essa tensão dialética do discurso. Podemos dizer que a livre associação deixa claro o quão contraditório somos e como uma mente inteiramente coesa é uma ficção. Quando se oferece tempo para o processo, a contradição aparece.

Quem participou de um desses grupos inspirados em Bion sabe que o facilitador do grupo faz uma leitura do grupo de modo que interpreta a fala de cada um como um representante de todos. A fala de cada um é tomada como um elemento e expressão de um movimento de todo o grupo. Nessas condições, ideias que são vividas como insuportáveis passam a ser tomadas como ideias suportáveis. Nesse sentido, o líder sustenta a complexidade do grupo, ao invés de rapidamente eliminar o pensamento divergente: isso é o que Bion chama de função de continência do grupo. Essa experiência de grupo deve ser comparada como uma experiência próxima à experiência da democracia, em que cada fala é tomada como uma fala que pertence ao grupo. Não quer dizer que todos que participam sentem do mesmo modo daquele que fala, mas que partes dos sentimentos veiculados por cada um podem estar em todos. O trabalho do coordenador reduz a violência pelo pensamento inclusivo, e todos passam a viver como se o problema em questão fosse de todos. A experiência em grupos como esses permite que emergja o que há de pior e o que há de melhor em cada um: nesse sentido não há santos nem pecadores, em sentido absoluto.

Estas condições cultivadas por Bion permitem formular o que Winnicott chamou de espaço potencial. O grupo é oportunidade para expressar qualquer ideia. Todos aprendem a ser vulneráveis e na melhor das condições aprendem a lidar com os sentimentos mais desagradáveis, incluindo a raiva e o ódio. A explicitação dos vários conteúdos cria as condições para que um movimento de inclusão possa aparecer.

Trabalhando desse jeito podemos dizer que o processo democrático tem efeitos terapêuticos. A democracia dissemina sentimentos e ideias divergentes, o que permite uma eventual elaboração da diferença. A mente democrática sustenta a convivência de ideias divergentes e as várias experiências dos diversos membros do grupo. Trata-se de um recurso avançado para lidar com partes tóxicas da personalidade. Nesse sentido,

quando um movimento de violência se apresenta, ele pode ser interpretado como um aspecto que está coligado com outros elementos menos violentos, que estão presentes na mesma personalidade. Os conflitos não estão apenas nos grupos, estão no mundo interno das pessoas: mesmo o indivíduo que está expressando ideias as mais agressivas, dentro dele há outras ideias. Junto com o processo destrutivo, é possível encontrar nos grupos um esforço, às vezes submerso, para exatamente lidar com o conflito. Nesse sentido, a vida interior é uma manifestação que pode ser pensada como equivalente ao que acontece nos melhores parlamentos do mundo: ideias e sentimentos divergentes aparecem e lutam. Claro que a experiência, mesmo nos melhores parlamentos do mundo, está carregada de hipocrisia e falsidade.

A experiência democrática, entretanto, tem um fundamento que está ligado ao próprio funcionamento mental. A democracia é a capacidade de suportar um estado de desorganização e mesmo de caos, com um aumento da capacidade de conviver com a incoerência e a cacofonia. Esse primeiro momento de falta de sentido pode ser necessário para futuras composições. Freud sustenta que o inconsciente é composto de aglomerados de pensamentos ou por uma cadeia de significantes, e esses conglomerados podem ser a base para uma visão mais coerente em um ambiente de caos. Tais conglomerados de sentidos podem ter um efeito de carregar o sentido para planos mais amplos. A livre associação mostra que mesmo a incoerência das associações e descontinuidades pode finalmente revelar ideias latentes que são organizadoras – ou seja, esse mundo caótico pode estar sendo governado por forças ocultas que podem finalmente aparecer. Essa base de ramificação latente só pode aparecer, no entanto, se for possível sustentar o processo.

O risco é que as forças antidemocráticas se estabeleçam no indivíduo ou grupo. Se o inconsciente é democrático, sentimentos poderosos podem conduzir a posições autoritárias. Todos nós

»
*as relações democráticas
são muito trabalhosas, não
é possível que seja de modo
diferente, já que as ideias e
sentimentos conflitantes
precisam ser representados.*

conhecemos a potência dessas forças autoritárias, pois todas as forças democráticas e autoritárias fazem parte de todos nós. Se as condições de funcionamento de nossa mente se expressam nas relações sociais, podemos dizer que, quando se estabelece um funcionamento democrático na mente, isso tem enormes efeitos nas relações sociais. O autoritarismo e o totalitarismo pretendem silenciar as vozes divergentes que estão em nosso mundo interior, estabelecendo um mundo apertado e rígido.

Sabemos que as relações democráticas são muito trabalhosas, não é possível que seja de modo diferente, já que as ideias e sentimentos conflitantes precisam ser representados. Infelizmente o que vemos é uma grande impaciência, em nosso mundo de hoje, com os processos que atingem a vida psíquica e a vida social. A complexidade está sendo atacada, visões reducionistas e simplórias pretendem se impor. A impaciência com a democracia pode derivar para atalhos criados pelo medo e talvez pelo ódio – a renúncia da complexidade e o reducionismo são uma das chagas de nosso tempo. A democracia é o antídoto, um estado da mente em que a mente é pensada como um convívio entre vários pontos de vista e várias representações que se debatem. Esse modelo de mente pode ser comparado à experiência ateniense. Mas, em todas as eras, a convivência de contrários pode ter enorme poder transformador: a democracia seria a institucionalização dos processos de mudança que suportam a convivência dos contrários.



*a distração pode
deixar a vida mais fácil,
mas essa facilitação está
sendo feita em detrimento
da responsabilidade social.*

As peças do quebra-cabeça

Constatamos uma profunda mudança na experiência interior do homem moderno e contemporâneo. Em resposta à condição maníaca da personalidade no meio do século XIX, uma mente dividida e fissurada apareceu no século XX – a globalização levada adiante pela tecnologia produziu também efeitos intensos de anti-globalização, com fortes ataques à complexidade.

A busca por sentido envolve um movimento de relacionamento consigo mesmo e com o próximo, mas isso acontece num contexto em que a função de cuidado – aquilo que vivenciamos com nossas mães nos primeiros meses de vida – está em falta. Não apenas nas relações sociais e familiares, mas também como uma dinâmica do aparelho psíquico, pode ser que o cuidado de si esteja ameaçado. Vivendo vidas cada vez mais complexas e exigentes, pode ser que a experiência de cuidado de si esteja insuficiente. Em tempos em que faltam o silêncio e a solidão, a convivência consigo mesmo ficou difícil.

Podemos dizer que o mundo está em profundo risco, a possibilidade do fim da civilização não é retórica. A crise ambiental dá mostras que o fim pode estar perto e, a não ser que alcancemos a capacidade de ultrapassar o fundamentalismo e o materialismo exacerbado, a sociedade poderá continuar se deteriorando, esvaziada de vitalidade emocional e processos reais de convivência.

A democracia é uma forma de *talking cure*, um processo que permite acolher diferentes

pontos de vista com a possibilidade de alcançar alguma integração. Revitalizar a democracia demandará uma capacidade de confrontar um cinismo que tomou conta de nossa civilização. Parece que chegamos ao ponto em que não cremos mais no valor da vida humana: a ascensão do populismo de extrema direita reforça essa condição. A condição é de grande demanda ética, parece que estamos desistindo de nós mesmos. Podemos dizer que, de forma passiva, aceitamos o desastre em várias áreas da vida – isso parece mais fácil do que fazer as mudanças necessárias.

Conclusão

Todos vivemos em um mundo marcado pelo racismo, misoginia e outras formas de patologia social; por outro lado, há também avanços e melhoras sociais progressistas. Para avançarmos, precisamos estar em condições de avaliar a realidade, identificando as formas doentias de pensar em nossa sociedade. Precisamos ver o que, como psicanalistas, chamamos de alucinação negativa, ou seja, os mecanismos que impedem de enxergar um objeto ou situação que está bem à nossa frente. Governos em toda a parte do mundo estão tomando ações para impedir que venha à tona, que chegue à consciência, uma série de elementos importantes – trata-se de um abandono psiquicamente poderoso de partes da realidade que de fato mereceriam nossa atenção. A distração pode deixar a vida mais fácil, mas essa facilitação está sendo feita em detrimento da responsabilidade social. Estamos praticando uma ignorância coletiva, o que eventualmente compromete nossa capacidade de pensar a realidade: é uma diminuição mental que produz vazio e pode ser terreno onde prosperam figuras autoritárias.

O que está se sustentando aqui é que esse cenário político assustador está baseado em uma verdadeira diminuição da saúde mental. Um psicopata é uma pessoa severamente comprometida, sem consciência afetiva e com pouco controle do seu ego e impulsos. Mas o que realmente precisamos entender nesses dias são os sociopatas, figuras

altamente habilidosas em manipular pessoas e acontecimentos para ganhar vantagens pessoais a qualquer custo. O sociopata foge do mundo subjetivo e busca a vitória a qualquer preço. Parece que para muitos não há a possibilidade de se olhar a fratura e trilhar a jornada psicanalítica, que vai muito além de personagens vitoriosos ou vítimas. O sociopata oscila entre esses dois polos e se cristaliza, impedindo a emergência do seu contraditório interior e elegendo inimigos externos para justificar seu imobilismo. Encontra-se aí uma gênese do autoritarismo, o oposto do espírito democrático. Fica claro que a psicanálise é ameaçadora ao sociopata e ao autoritário. Essa figura está plena de contradições que são negadas e terceirizadas para atores externos. A própria prática da psicanálise dificulta esses mecanismos – daí talvez a rejeição a essa disciplina. Dizemos que a pessoa em análise resiste às interpretações e cristalizações autoritárias da sua vida. E, por via de consequência, pode tornar-se mais resistente às negações e manipulações do pensamento autoritário.

Ainda assim, a cena política está à mercê dos sociopatas, gente sedutora, com capacidade de dissimulação, pronta a mudar de posição desde que haja algum interesse em jogo. O sociopata é um oportunista impiedoso, mas que consegue agregar pessoas. Ele inicia trocas de forma que pode acumular significativo poder em nossas sociedades. Precisamos discutir os sociopatas e todos os mecanismos que os sustentam, para não colocarmos mais risco às nossas democracias.

Nesse sentido, dizemos que a democracia vai além de um sistema de governo. Trata-se de um

»
*precisamos lutar
contra os processos de forte
negação da realidade
que se aprofundaram
na crise da COVID-19.*

modo de se relacionar com as pessoas. Mais que isso, democracia é um modo de funcionamento mental, onde a colaboração com o outro ocupa um lugar importante. A psicanálise é um recurso importante para compreender esses mecanismos de exclusão, projeção e ódio, que estão presentes em nossa sociedade, em nossas mentes e em nós mesmos. E pode nos ajudar a sustentar um verdadeiro funcionamento democrático, pessoal e social.

Fizemos apenas um recorte na cena política contemporânea inspirados pelos escritos de Bollas. Encerramos dizendo que precisamos lutar contra os processos de forte negação da realidade que se aprofundaram na crise da COVID-19. Nesse sentido, precisamos trazer de volta à cena a responsabilidade ética e social: sobretudo precisamos de saúde mental, que permite a sustentação da democracia e nos ajuda a lutar contra a mentira que envolve a população e pode impedir uma pessoa de perceber, avaliar e julgar a realidade. A psicanálise é uma disciplina essencial na luta por uma sociedade mais sã e mais democrática.

Referências bibliográficas

- Bollas C. (1992). *As forças do destino. Psicanálise e idioma humano*. Rio de Janeiro: Imago.
- ____ (1995). *Cracking up: The work of unconscious experience*. New York: Hill and Wang.
- ____ (1998). *Sendo um personagem*. Rio de Janeiro: Revinter.
- ____ (1999). *The mystery of things*. London and New York: Routledge.
- ____ (2000). *Hysteria*. London and New York: Routledge.
- ____ (2000). *Hysteria*. São Paulo: Escuta.
- ____ (2005). *Conceitos de Psicanálise: Associação livre*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/São Paulo: Ediouro.
- ____ (2009). *The evocative object world*. London and New York: Routledge.
- ____ (2012). *A questão infinita*. Porto Alegre: Artmed.
- ____ (2013). *China on the mind*. London and New York: Routledge.
- ____ (2013). *Catch them before they fall. The Psychoanalysis of breakdown*. London and New York: Routledge.
- ____ (2013). *O momento freudiano*. São Paulo: Roca.
- ____ (2015). *When the sun bursts. The enigma of schizophrenia*. New Haven and London: Yale University Press
- ____ (2015). *A sombra do objeto. Psicanálise do conhecido não pensado*. São Paulo: Escuta.
- ____ (2018). *Meaning and melancholia. Life in the age of bewilderment*. London and New York: Routledge.
- ____ (2021). Os insatisfeitos na civilização. In Staal A.; Levine H. *Psicanálise e vida cotidiana*. São Paulo: Blucher.
- Franco S.G.; Berlinck M.T.; Wondracek K.H.K. (2013). *Mandrágoras, clínica psicanalítica: Freud e Winnicott*. São Paulo: Primavera Editorial.
- Freud S. (1919/1996). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xv11.
- ____ (1930/1996). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xx1.
- Nettleton S. (2018). *A metapsicologia de Christopher Bollas: uma introdução*. São Paulo: Escuta.
- Winnicott D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Life in the age of bewilderment

Abstract A reflection aiming to locate the contemporary perplexity in the light of the current historical status quo, in which the experience of emptiness, fragmentation, and inability to live with someone is accentuated. The text has two moments. It begins with the contemporary cultural environment and its connection to the mental functioning. Then it touches the theme of democracy and the threat to democracy, always through the eyes of psychoanalysis and not of the sociology.

Keywords perplexity; contemporaneity; democracy, and psychoanalysis.

Texto recebido: 06/2023

Aprovado: 10/2023